

# “Creio na imortalidade da palavra”: a experiência poética da palavra na “Carta aos loucos” de Carlos Nejar

"I believe in the immortality of the word": the poetic experience of the word in Carlos Nejar's "letter to the crazy"

*Kenner Terra<sup>1</sup>*

*David Mesquiati de Oliveira<sup>2</sup>*

*Alan Brizotti<sup>3</sup>*

**Resumo:** Carlos Nejar é um dos maiores nomes da poesia mundial, seus textos são profundos, complexos e repletos de desafios. A experiência da palavra na veia poética nejariana é um convite poderoso ao mergulho nos intertextos e nas memórias perpassadas pelo imaginário religioso, sua base e estrutura. O presente artigo busca refletir sobre a experiência poética da palavra no seu romance “Carta aos Loucos”. A partir da Análise do Discurso,

---

Artigo recebido em: 17 de fev. de 2023

Aprovado em: 20 de fev. 2023

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião (UMESP), Coordenador da Graduação em Teologia do Centro Universidade Celso Lisboa, membro da ABIB e da RELEP.

<sup>2</sup> Teólogo, historiador e economista, doutorado e pós-doutorado em Teologia. Docente na Faculdade Unida de Vitória e na Faculdade Batista de Minas Gerais. Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UNIDA (Mestrado e Doutorado Profissional). Coordenador da RELEP Brasil.

<sup>3</sup> Graduado em Teologia (FATEH), Pós-graduado em Psicanálise Clínica (IBPC-SP), mestrando em Ciências das Religiões no PPGPCR-UNIDA. Membro da ABIB. Este trabalho está sob os auspícios da FAPES, e se insere no Projeto Os pentecostais no Estado do Espírito Santo: história, cultura e política (FAPES), coordenado pelo Dr. David Mesquiati de Oliveira.

abordaremos à luz de Bakhtin, a polifonia e dialogicidade. Abordaremos, também, a partir de Maingueneau, a intertextualidade e interdiscursividade em Nejar, buscando ver como a palavra aparece nos múltiplos discursos e personagens da obra. Nossa análise da “Carta aos Loucos”, na edição de 1998, com aportes bibliográficos e artigos.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Bakhtin. Carta aos Loucos. Literatura e religião. Carlos Nejar.

**Abstract:** Carlos Nejar is one of the greatest names in world poetry, his texts are deep, complex and full of challenges. The experience of the word in the Nejarian poetic vein is a powerful invitation to delve into the intertexts and memories permeated by the religious imaginary, its base and structure. This article seeks to reflect on the poetic experience of the word in the novel “Carta os Loucos”, by Carlos Nejar. Based on Discourse Analysis, we will approach polyphony in the light of Bakhtin and, based on Maingueneau, intertextuality and interdiscursivity in Nejar, seeking to see how the word appears in the multiple discourses and personas of the work. We will make an analysis of the “Carta aos Loucos”, in the 1998 edition, with bibliographic contributions and articles.

**Keywords:** Discourse Analysis. Bakhtin. Maingueneau. Literature and religion. Carlos Nejar.

## Introdução

Carta aos Loucos é um marco na literatura contemporânea. Seu lançamento na virada do século, 1998, tempo de expectativas e experimentações efusivas, sinalizou para um novo paradigma na área do romance<sup>4</sup>. Uma magnífica narrativa alegórica em que Nejar, a partir do recurso parodístico, retomando as narrativas primitivas entre Homero e os clássicos, instaura uma nova épica questionadora e instigadora do eterno embate entre Tempo e Palavra.

Autointitulado “Servo da Palavra”, Luiz Carlos Verzoni Nejar, nasceu em Porto Alegre-RS, no dia 11 de janeiro de 1939. Poeta, tradutor, ficcionista e crítico literário, é o Quinto ocupante da cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 24 de novembro de

---

<sup>4</sup> OLIVAL, Moema de Castro e Silva. *Carta aos loucos: uma narrativa épica moderna*. Signótica, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 123–140, 2009. DOI: 10.5216/sig.v10i1.7255. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7255>. Acesso em: 1 fev. 2023.

1988. “Sélesis” (1960), seu primeiro livro de poesia, foi seguido na mesma década de sessenta por “Livro de Silbion” (1963), Livro do Tempo (1965), O Campeador e o Vento (1966) e Danação (1969). Após essa década, o poeta do pampa brasileiro continuou sua intensa e homenageada produção literária e escreveu contos, ficção, romance, novelas, literatura infantil e, especialmente, poesia. Entre seus principais trabalhos, podemos destacar Poço do Calabouço (1974), Memória do Porão (1985), A idade da aurora (1990), Evangelho Segundo o Vento (2002), Os Viventes (1979; 2011) e a obra que aqui analisamos, “Carta aos Loucos”. Incluído na “Geração de 60”<sup>5</sup>, cuja constelação conta com Ferreira Gullar, Ida Laura, Hilda Hilst e tantos outros e outras catalogados por linguagem, importância, estilo e cronologia<sup>6</sup>. Poeta mundialmente aclamado, recebeu diversas honrarias, como o Prêmio Jorge de Lima, em 1970, pelo livro Arrolamento, concedido pelo Instituto Nacional do Livro. Em 1979, seus poemas foram gravados para a Biblioteca do Congresso, em Washington (EUA). Em três ocasiões, foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura da Academia Sueca (Svenka Akademien)<sup>7</sup>. Sua vasta obra é um convite ao alargamento das nossas percepções e ao diálogo profundo e confrontador. Nejar tem mais de sessenta anos de poesia.

Refletir sobre o corpus nejariano é um exercício de amplitude, sobretudo no que remete à palavra. A veia poética nejariana é, por si mesma, uma experiência. Nejar levanta o véu das palavras e desenha sentidos, aprofunda, molda, recorta e amplia. Seu trabalho com a poética é puro artesanato verbal, uma construção e reconstrução dialética e dialógica, imagética e semântica, repleta de memórias, mística e espiritualidade. Ele subverte claustros gramaticais e de significado, como se pode observar pelos títulos magistras de alguns dos seus livros: A chama é um fogo úmido (1994), As águas que conversavam (2003), A nuvem candidata à presidência (2010), A negra labareda da alegria (2013), O evangelho segundo o vento (2020), dentre outros.

Perpassados por essa experiência da palavra em Nejar, nosso objetivo é refletir e analisar essa experiência partindo das contribuições da Análise do Discurso, trabalhando com as ideias de

---

<sup>5</sup> COELHO, Nelly Novaes. Carlos Nejar e a Geração 60. São Paulo: Saraiva, 1971.

<sup>6</sup> TERRA, Kenner R. C. “Nuvens são pássaros...” Jesus na obra “A arca da Aliança” de Carlos Nejar. *Teoliterária*, vol. 10, n. 20 (2020): p. 45

<sup>7</sup> LAGO, Davi; TERRA, Kenner. (Orgs.). *Carlos Nejar e o sagrado: aspectos literários, espirituais e proféticos*. São Paulo: Recriar, 2022, p. 5

polifonia e dialogicidade em Bakhtin e a intertextualidade e interdiscursividade em Maingueneau. A partir dos aportes bibliográficos e alguns artigos que mergulharam na obra nejariana, pretendemos mostrar como a palavra aparece nos discursos e nas personagens apresentadas em Carta aos Loucos, bem como o diálogo entre ideias, imaginário religioso e o entrelaçamento de gêneros como o romance, a alegoria e a poesia.

Na primeira parte, abordaremos a experiência das palavras na Palavra, frisando essa distinção entre palavras como verbete e a Palavra como lócus profundo de sentido. As várias vozes cruzadas do discurso polifônico<sup>8</sup>, aparecem e conversam, fazendo surgir outras estéticas da criação verbal, parafraseando o título de uma das obras fundamentais de Bakhtin. Nosso olhar aqui será para compreender onde as palavras e a Palavra se cruzam e demonstrar o intrigante jogo de vozes entre o “já-dito” e o “não-dito”.

Se a experiência das palavras configura um desafio interessante, na segunda parte, vamos lançar olhares sobre a experiência poética nejariana. Carta aos Loucos, embora seja um romance, é poesia do mais alto nível, pois dialoga com os clássicos gregos e amplia seu alcance ao recheiar sua poética com vislumbres da mística, da profecia e da imaginação apocalíptica. Essa poética ganha contornos de profética ao denunciar os sistemas e esquemas da política e da justiça em Assombro, aldeia-mulher onde Nejar constrói suas tramas. A mística e a apocalíptica surgem a partir dos intertextos e interdiscursos (Maingueneau) que vão compondo a trama nejariana dos sentidos.

Na terceira parte, pretendemos abordar a loucura poético-profética nessas relações com as palavras e o sagrado. O sagrado nejariano é perpassado por diversas dimensões, dentre elas, destacamos o sagrado selvagem (Roger Bastide), não domesticado pela religião institucionalizada<sup>9</sup>. Faremos também uma interessante incursão pela alegoria parodística da carnavalização da política e da justiça em suas aparições como aparelhos ideológicos (Althusser). A loucura em Nejar está muito além da insanidade (embora a própria insanidade apareça diversas vezes e com outras nomenclaturas), é a verdadeira sabedoria, seu sentido não é o da intimidação do leitor,

---

<sup>8</sup> BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012

<sup>9</sup> BARROSOZO, Victor Breno Farias. LAGO, Davi; TERRA, Kenner. (Orgs.). *Carlos Nejar e o sagrado: aspectos literários, espirituais e proféticos*. São Paulo: Recriar, 2022, p. 19

mas sim, de sua libertação. A poesia é a consciência. O realismo mágico nejariano e sua incrível capacidade de compor belezas, faz da leitura de Nejar um deleite.

A Palavra e as palavras são os nossos companheiros de viagem nessa investigação da poética religiosa de Carlos Nejar, o “Poeta da Poesia, mais que do verso”, como definiu Eduardo Portella, em seu discurso de recepção de Carlos Nejar na Academia Brasileira de Letras<sup>10</sup>. O discurso religioso nejariano tem muito a contribuir nas Ciências das Religiões, pois não está preso às amarras institucionais e dogmáticas, nem aos reducionismos teológicos, mas consegue dialogar com seu tempo e sua cultura. A Palavra nunca se calou.

### 1. A experiência das palavras na Palavra

É possível escrever milhares de livros sem citar o verbete *palavra*. Em Nejar, tanto o vocábulo quanto sua dimensão jogam entre si numa espécie de dança dos sentidos. A declaração de fé na palavra, citada no título desse artigo, é um atestado de força, profundidade e alcance da dimensão ontológica que a poética nejariana compreende: “Creio na imortalidade da palavra”<sup>11</sup>. Tanto o discurso religioso como a linguagem podem avançar no horizonte do signo e se deliciar na experiência tanto imanente quanto transcendente das palavras.

A primeira *aparição* da palavra no texto de Nejar em análise acontece em um não-dizer. Na página 15, Nejar evoca o valor e a responsabilidade para com a palavra: “Duas coisas há que um homem desaprende: recurvar-se e calar”<sup>12</sup>. O silêncio, essa dimensão profunda da palavra, ganha ainda mais densidade ao ser objeto de uma pedagogia. Israel Rolando, escriba, que “salva a si mesmo ao salvar em livro o rosto de cada um que conheceu”<sup>13</sup>, compreende que desaprender a calar é necessário, pois as palavras não devem ser desrespeitadas em sua essência. A palavra que aqui *aparece* é a que nos ensina o silêncio.

As palavras em Nejar não estão na coleira dos significantes religiosos, com se dependessem essencialmente da chancela da

---

<sup>10</sup> MODERNO, João Ricardo. Org. *Carlos Nejar: poeta da condição humana*. Rio de Janeiro: Gramma, 2009, p. 97

<sup>11</sup> NEJAR, Carlos. *Carta aos Loucos*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 44

<sup>12</sup> NEJAR, idem, p. 15

<sup>13</sup> CARPINEJAR, Fabrício, *Carta aos Loucos*, in MODERNO, 2009, p. 62

ideologia dogmática. Elas são livres de conceitos estreitos e ideológicos. Sua poesia não é confessional ou enquadrada nos limites da linguagem eclesiástica, mas transita nesses ambientes sendo afetada sem ser intrinsecamente comprometida .

Em síntese, a poesia nejariana, por exemplo, não poderia ser tratada como “evangélica” ao lado da “poesia católica” de Murilo Mendes ou Jorge de Lima. Não encontramos em Carlos Nejar frases como a que lemos na epígrafe de Tempo e Eternidade: “restauremos a Poesia em Cristo”. Mesmo que Nejar carregue em sua linguagem expressões religiosas, não podemos caracterizar a obra nejariana como literatura religiosa ou evangélica. Sob os auspícios de Bakhtin, Meletinsk e outros teóricos da linguagem e literatura, Nejar decreta que os “grandes historiadores são também autobiográficos”. Ele explica que somos e seremos, mais ou menos, vozes das grandes vozes. Assim, Nejar defenderá que o artista sempre dirá ecoando interdiscursiva e intertextualmente outros ditos, no sistema mnemônico no qual habita, por onde seu consumo intelectual deleitou-se e a partir das conjugações culturais realizadas por sua formação, que nesse caso, indiscutivelmente, são as narrativas religiosas, especialmente do locus evangélico. Todavia, “com todas as implicações de herança e ruptura, há que dizer o que ninguém dirá por nós” (NEJAR, 2014, p.15). Em suma, a literatura nejariana testemunha a presença das imagens cristãs (católicas e protestantes) na memória cultural e cânon da cultura latino-americano<sup>14</sup>.

A palavra em Nejar é uma experiência, pois nunca é apenas o verbete, mas sempre um novo enunciado. Não é apenas signo, é significante. Sempre que aparece, evoca sentidos, memórias, é polifônica, plural, mística, imaginativa. Em Nejar, o vocábulo surge como senhor do dizer - e até mesmo do não dizer, o silêncio.

Bakhtin mostra-nos o poeta como criador de imagens com material verbal: “(...) por via estética assimila e justifica de dentro o

---

<sup>14</sup> TERRA, 2020, p. 49-50,

vazio de sentido e de fora a riqueza factual cognitiva dessa imagem, dando-lhe significação artística”<sup>15</sup>. Essa produção artesanal do verbo é uma característica desafiadora na obra nejariana, pois seu *corpus* é múltiplo, artisticamente polifônico e atravessado por intertextualidades e interdiscursividades, o que aprofunda o trabalho artístico. A intertextualidade, como definem Maingueneau e Charaudeau: (...) “designa ao mesmo tempo uma *propriedade constitutiva de qualquer texto* e o conjunto das *relações* explícitas ou implícitas *que um texto ou um grupo de textos determinado* mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante da *interdiscursividade*”<sup>16</sup>.

*Carta aos Loucos* situa a experiência das palavras em amplos movimentos de rompimentos de fronteiras, em campos discursivos ativos. Como disse Maingueneau:

“Os campos discursivos, nos quais os posicionamentos inscrevem, cada um a sua maneira, gêneros de discurso, não são estruturas estáticas, já que são constantemente submetidos a uma lógica de concorrência em que cada um visa modificar as relações de força em seu benefício. Não são nunca espaços homogêneos: em um momento dado, há de fato um centro, uma periferia e uma fronteira”<sup>17</sup>.

Nejar expõe esse pensamento com uma força característica de sua *poiesis*:

“Os cientistas não conseguem desvendar o universo no seu início. A ciência é cega para o que a palavra percebe. Por ser ela de muito, muito antes. Como somos cegos ante o tempo que volta a trabalhar num só relance e basta. E faleceu Clárido. Era um meio-dia de sol, quando todas as suas palavras terminaram. De uma enfermidade inexplicável”<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 87

<sup>16</sup> CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 288. Ênfases dos autores.

<sup>17</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 68

<sup>18</sup> NEJAR, 1998, p. 75

Clárido é uma referência nejariana ao profeta Elizeu e o episódio de uma ressurreição que ocorreu por causa do contato de um morto com os ossos do profeta (II Re 13:21)<sup>19</sup>. O texto nejariano dialoga com o bíblico e com a mística da ressurreição, dando às palavras profundidade e horizontes ainda mais significativos, bem como múltiplas possibilidades de leitura. Evocando o texto de II Reis, Nejar diz: “E contam que, ao enterrarem um homem na mesma terra onde Clárido jazia (não se sabe onde, e até o próprio beneficiado esqueceu), ao contacto com os seus ungidos ossos, o que estava morto ressurgiu”<sup>20</sup>.

Três palavras aparecem aqui com significados múltiplos e intrigantes: Clárido, que tanto é um nome como uma dimensão, a saber a claridade, a potência da luminosidade. A expressão “ungidos ossos” é uma mistura de palavras com cunho religioso e biológico, humano e divino. E o vocábulo “ressurgiu”, que evoca a ressurreição, um novo surgimento (re-surgir): o morto ressurge, a coisa (ossos) ganha outra potência – a unção. São dois encontros: a claridade que adentra a esfera da escuridão (morte) e o corpo (do morto) que tocará os ossos (e sua estranha vitalidade compartilhada). As palavras aqui aparecem como verbetes e como *locus* de sentido: não é apenas a gramática do verbo ressurgir, é também a sua atuação, sua libertação da linguística puramente frasal<sup>21</sup>.

As palavras também aparecem no jogo dos nomes/lugares. Segundo Olival:

"Também seria bom nos lembrarmos de que no simbolismo dos nomes Tabor (de Thabor, montanha calcária de Israel, que dominava o lago Tiberíades, e de onde Cristo, falando com o Pai, tomou a palavra e o levou à multidão) e Jack (nome padrão em um grande país da civilização moderna, indicativo de povo) pode estar a sugestão do entendimento de diálogo entre as civilizações, entre os povos, entre as culturas. *Tudo pela palavra*. Processo metonímico como operador semântico do texto. Tabor, pela fonte do Verbo; Jack, pela

---

<sup>19</sup> Todas as referências bíblicas serão da Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2022

<sup>20</sup> NEJAR, idem

<sup>21</sup> BRANDÃO, 2012, p. 103



multidão, pelo povo. O conquistador e o conquistado"<sup>22</sup>.

A dialogicidade nejariana também faz convergir dois mundos: a antiguidade e a contemporaneidade. O mundo bíblico e o mundo grego conversam com as novas ideias, fazendo com que as palavras apareçam aqui como potência geradora de novos sentidos e novas experiências. Nejar diz: “Quando os velhos descobrem as palavras com sua longa fonte, a juventude, recomeçam a reverdecer a imaginação”<sup>23</sup>. O poeta caminha em várias direções da história: cita desde Homero e Orígenes até Rimbaud e Keats; de Marco Aurélio a Goethe; do apóstolo Paulo a Bernard Shaw. Rompe fronteiras e gêneros, mistura imagens e paródias, faz a festa das palavras.

É a experiência, do verbo experimentar, que evocamos como sentido no texto nejariano. A simbólica e a mística de Nejar são experimentadas pelo leitor como quem participa ativamente na construção de significados. As figuras do redemoinho, do rio, do círculo, são metáforas poderosas que *Carta aos Loucos* usa como recurso de aproximação. Como nos mostra Fiorin: “Os textos não são narrativas mínimas. Ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizados hierarquicamente”<sup>24</sup>. Esse “efeito estético”<sup>25</sup> avaliado na relação dialética entre texto, leitor e sua interação, promove uma aproximação com a obra, muito além da mera leitura como ajuntamento de signos.

As palavras aparecem como potências criadoras de sentido, como a instância do não-dizer e até, principalmente, em suas metáforas reveladoras, como na expressão nejariana “árvore verbal”<sup>26</sup>. Mas convém também olharmos o aparecimento da Palavra e suas dimensões. Das 176 vezes em que o vocábulo *palavra* ou *palavras* aparece em *Carta aos Loucos*, apenas uma vez – na última menção – é que aparece com a letra “P” maiúscula. Contudo, apesar de sua única aparição em maiúsculo (indicativo de diferenciação), há

---

<sup>22</sup> OLIVAL, 2009, p. 132

<sup>23</sup> NEJAR, 1998, p. 86

<sup>24</sup> FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2022, p. 29

<sup>25</sup> ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1 São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 16

<sup>26</sup> NEJAR, 1998, p. 36

24 ocorrências da *palavra* em minúsculo, mas abarcando sentidos mais amplos do que apenas o verbete<sup>27</sup>.

Vejam os alguns exemplos dessas ocasiões em que a *palavra* aparece com dimensões mais profundas sugeridas: “A palavra era. A palavra matava o que matava” (p. 36): há um paralelo com o texto do apóstolo Paulo, em I Co 15:55: “Onde está, ó morte, a tua vitória?” Nejar mantém forte referencialidade com os textos de Paulo, incluindo algumas menções diretas ao apóstolo, como veremos mais adiante. Outro exemplo: “Creio na imortalidade da palavra” (p. 44): a veia poética nejariana também sorve das fontes do Apocalipse 1:8: “Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-poderoso”. Podemos olhar mais um exemplo: “A palavra, dentro de sua esfera, fareja no amor o paraíso” (p. 52): o paralelo com Paulo novamente é evocado: I Co 13:12: “Porque agora vemos como por um espelho, de modo obscuro, mas depois veremos face a face”. Na página 201 da obra, Nejar volta a citar essa frase paulina: “Hoje vemos através de um espelho’ – escreveu o Apóstolo das Gentes”.

Há outras ocasiões desse diálogo entre textos e percepções do sagrado, incluindo outras manifestações dessa dimensão grandiosa da palavra: “Dividindo o pão, aquele povo trocava entre si vocábulos, sementes e bens”<sup>28</sup>. Olhando para *Carta aos Loucos*, podemos perceber as várias aparições das palavras e da Palavra como encontro que possibilita diálogo e aprofundamento, bem como amplitude e densidade. A experiência das palavras na Palavra é um construto impressionante da poética nejariana capaz de revelar, na melhor acepção apocalíptica (revelação) do texto, belezas e estruturas simbólicas que enriquecem a cultura e enobrecem o leitor.

## **2. A experiência poética nejariana em *Carta aos Loucos***

---

<sup>27</sup> Fizemos uma contagem de cada ocasião em que o verbete acontece na edição da Record-SP, 1998, destacando as 24 ocasiões em que o sentido era claramente dialógico com o sagrado ou a intertextualidade nejariana com a Bíblia, principalmente. Cruzamos alguns dos textos bíblicos com o aparecimento do verbete *palavra* e sua correlação com o imaginário religioso de Nejar. Não colocamos todos os cruzamentos no texto por uma questão de espaço.

<sup>28</sup> NEJAR, idem, p. 134

*Carta aos Loucos* é um romance vasto, suas intersecções discursivas, sobretudo entre o literário e o bíblico, costumam uma trama simbólica intensa. Além disso, é também poesia do mais alto nível, dialogando com os clássicos gregos, interagindo com os grandes nomes da literatura mundial lapidados pelas percepções aguçadas da genialidade nejariana. Fabrício Carpinejar, filho de Carlos Nejar, discorrendo sobre o livro, definiu: “*Carta aos Loucos* é um romance de pensamento a pensamento. Nejar aponta o rio da memória em que o realismo mágico necessita desembocar”<sup>29</sup>.

A poesia nejariana em *Carta aos Loucos* preenche todos os espaços criativos: desde o jogo simbólico dos nomes: Assombro é a cidade e a mulher de Israel Rolando, o escriba<sup>30</sup>, até sua poderosa teia dialógica entre cultura, mística e imaginação apocalíptica. Nejar cita, numa amplitude magistral de textos da cultura, *Aladim* e *Simbad, o marujo*<sup>31</sup>, que são parte de um conjunto de contos populares árabes que passou a ser reunido no século IX, chamado *As mil e uma noites*<sup>32</sup>. A poesia nejariana é perpassada por esse arquivo de memórias, essa experiência dialogal de belezas e contribuições, esse caleidoscópio de culturas.

A poesia tem essa habilidade de conectar mundos, expandir a visão e aguçar sentidos. Ela é ponte e rio, é o horizonte lá e o caminhar aqui. Carlos Felipe Moisés, refletindo sobre a experiência pedagógica da poesia, diz:

(...) a poesia nos ensina a ver como se víssemos pela primeira vez. A poesia nos ensina a subverter permanentemente o já visto, no encaço da renovação e do aperfeiçoamento ilimitado, em eterno confronto com o simulacro de ‘perfeição’ imposto pela ideia sectária e utilitarista de uma sociedade esvaziada de memória, consagrada ao consumo e à descartabilidade de todas as coisas<sup>33</sup>.

---

<sup>29</sup> CARPINEJAR, 2009, p. 62

<sup>30</sup> NEJAR, 1998, p. 15

<sup>31</sup> NEJAR, idem, p. 41

<sup>32</sup> CLUBE QUINDIM. *Aladim: da China à Arábia, conheça as versões dessa história encantadora*. Seleção Quindim, Portal Quindim, 5 de abril de 2021. <https://quindim.com.br/blog/aladim/> acessado em 02/02/2023.

<sup>33</sup> MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia para quê? A função social da poesia e dos poeta*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 42

A experiência poética de Nejar, sobretudo no livro em análise, é carregada de amor. Carta aos Loucos exala amor. Lançado em 1998, na virada do século, quando Nejar morava em seu Paiol da Aurora, diante do Mar de Santa Mônica, em Guarapari, no Espírito Santo, casado com Elza Griffó Almeida Nejar, seu grande amor, a quem ele dedica não só este livro, mas diversas outras obras, mostra-nos o espelho do gênio: o grande poeta fala de um lugar privilegiado que o afeta com a potência criadora: o amor, em Nejar, não é apenas um conceito, é experiência da Palavra, essência e manifestação do sagrado. É a mulher e a vista da janela. Esse amor por Elza aparece como Palavra e ato não apenas nas obras, mas nas vivências cotidianas do poeta. Em 2020, numa entrevista ao Tribuna Online, de Vitória-ES, Nejar disse: “Tenho gratidão a Deus, sobretudo, e também a Elza, que é do Espírito Santo, minha companheira há 32 anos. Ela tem família em Vitória. Ela me puxou para a terra dela, que se tornou minha terra”<sup>34</sup>. A poesia acontece em Nejar, vai além da palavra como verbete, adentra os portais da Palavra como mistério.

Essa capacidade da poesia de promover uma experiência de superação, pode ser percebida em Bakhtin:

Somente na poesia a língua revela todas as suas possibilidades, haja vista que as exigências com relação a ela são mais altas: todos os seus aspectos se baseiam no extremo e chegam a seus limites; é como se a poesia extraísse da língua todo o seu sumo, e a língua superasse a si mesma. Mas, apesar de ser tão exigente para com a língua, a poesia, todavia, a supera porque é língua e objeto determinado da linguística. A poesia não é uma exceção da situação comum a todas as artes: a criação artística definida em relação ao material é sua superação<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> Tribuna online, Entretenimento, “*A gente cria porque tem fé*”, diz escritor Carlos Nejar. 20/07/2020. <https://tribunaonline.com.br/entretenimento/a-gente-cria-porque-tem-fe-diz-escritor-carlos-nejar-74630> acessado dia 02/02/2023

<sup>35</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Estética e romance*. In: MAGALHÃES, Antônio Carlos de. *Hermenêutica da religião e os paradoxos do sentido*. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.) *Religião e Linguagem: abordagens teóricas e interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 196-197

A experiência poética em *Carta aos Loucos* rompe fronteiras e aparece também como profetismo. Israel Rolando é figura profética que denuncia os esquemas e sistemas políticos e jurídicos de Assombro<sup>36</sup>. Nejar evoca profetas como Elías, Elizeu, Ezequiel, às vezes pelo nome<sup>37</sup>, para uma intertextualidade que provoca e propõe sentidos. Outra figura que surge nessa dimensão poético-profética é definida e apresentada claramente por Nejar:

Quando uma palavra era designada, não podia mais retroceder. Surgiu um poeta-profeta no meio do povo. Acreditava no poder irrefreável dos vocábulos. Alguns ditos na luz curavam depressões, melancolias, medos.

Clárido (era seu nome) tinha o nariz proeminente e rosadas as maçãs do rosto, apesar dos cinquenta. Vaticinava ser a linguagem o último baluarte da espécie. E pela palavra se podia arrostar ou reprender o tempo.

Clárido é o poeta-profeta que serve perfeitamente como modelo do que Nejar nos mostra como sendo a figura mística do profeta. Clárido é uma espécie de Elías ao contrário. No Primeiro Livro dos Reis, capítulo 18, a Bíblia conta o episódio do profeta Elías recebendo a Palavra do Senhor sobre uma chuva que viria sobre a terra. Na apresentação de Clárido, Nejar pontua esse davar<sup>38</sup> “a palavra derramada”, porém, curiosamente inverte o ato simbólico: se Elías faz chover, Clárido faz parar a chuva: “E se energizava junto às árvores. Ou conseguia pela fé que a chuva parasse na própria redondeza de chover e o inverno saltasse pela janela afora, ao ser derramada a palavra”<sup>39</sup>. A potência da palavra que faz cair a chuva

---

<sup>36</sup> O capítulo nove de *Carta aos Loucos* serve como elemento de análise profunda sobre o enfrentamento profético-poético das estruturas de poder, representadas no texto pelo prefeito, a imprensa e o judiciário. Cf. ALTHUSSER, *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.

<sup>37</sup> NEJAR, 1998, p. 196

<sup>38</sup> FERREIRA, Cláudia Andréa Prata. *Bereshit: o início da narrativa hebraica bíblica*. PHOÍNIX, Rio de Janeiro <https://revistas.ufrj.br/phoenix>:13.67-83, 2007, p. 82

<sup>39</sup> NEJAR, 1998, p. 55

ou cessá-la, (ou de tomar o lugar da chuva que deveria cair e ser, ela mesma, derramada) tem o ingrediente da sensibilidade poética que invade a realidade e viabiliza mundos outros, novas realidades e interações com a natureza e com a palavra.

A experiência poética nejariana em Carta aos Loucos é como a trama de vários fios tecidos nas dobras da linguagem, da experiência religiosa, do *mythos* e profecias. Há o espaço do miraculoso, do apocalíptico (sobretudo nas imagens do caos e do abismo)<sup>40</sup>, do reconhecimento do sagrado que compõe a poesia e está aberto à dúvida: “Quando Virgílio transitava pela rua, ouvia-se: ‘É o poeta!’ Como se apenas ele carregasse uma safira, ou chama por muitos desejada. Só se apaga a palavra com a palavra. Seria viável extingui-la?”<sup>41</sup>. O sagrado no texto não é algo hermético, mas perceptível, visível até. As palavras aparecem por todos os lados, mesmo quando o vocábulo não está presente:

letras, imaginação, rabiscos, sentença, imprensa, idioma, frase, texto e até silêncio. Em cada uma dessas manifestações da palavra, o sagrado aparece e conversa, propõe e escuta. Como o poeta deixa explícito: “(...) Testemunhava que a palavra era o centro da roda do planeta e o centro, onde o universo se entretece”<sup>42</sup>.

A poética no livro também é corajosa o suficiente para encarar grandes temas da humanidade, como o silêncio e o tempo. Olival descortina esse poetizar do tempo fazendo uma ponte de memórias com a mitologia grega: “Em Carta aos Loucos, desde o início, instala-se o traço parodístico. Substituindo os heróis da tradicional alegoria mítica de Teseu, perseguindo e matando o Minotauro, temos agora o Teseu moderno, a Palavra, que se imporá ao Minotauro-tempo”<sup>43</sup>. As palavras vão se tornando objetos de relações com o tempo: “Não escrevo: risco as imagens no tempo”<sup>44</sup>. O antes e o depois dialogam a partir do miraculoso, do místico: “Pois nada sei sobre o que me curou. Sei que era cego e vejo”<sup>45</sup>. A partir da intertextualidade com o evangelho de João (9:25), o poeta convoca e conversa, ao mesmo tempo, com três dimensões: a cura (mística), o cego que agora vê (a

---

<sup>40</sup> NEJAR, *idem*, p. 35

<sup>41</sup> NEJAR, *idem*, p. 186

<sup>42</sup> NEJAR, *idem*, p. 154

<sup>43</sup> OLIVAL, 1998, p. 124

<sup>44</sup> NEJAR, 1998, p. 16

<sup>45</sup> NEJAR, *idem*, p. 32

poesia) e o Cristo (a Palavra). Não por acaso, Nejar completa seu enunciado: “Não amava, agora amo”<sup>46</sup>.

O silêncio aparece como palavra que não se diz, não por falta do que dizer, mas por consciência da sacralidade. Na linguagem nejariana: “A palavra aciona todas as potências do silêncio. E exulta”<sup>47</sup>. O poeta não teme o silêncio, mas propõe com ele uma relação de delírio, de reconhecimento do seu lugar especial. Poder calar a palavra é poder escutar o silêncio. Nejar diz que “O silêncio é mais eloquente que a dor”<sup>48</sup>. O silêncio é o chão, lugar de germinação da palavra: “A palavra é grão. Se não perecer enterrado, não reverdece”<sup>49</sup>.

Quando unimos as palavras e o silêncio, as dimensões poético-proféticas e a imaginação religiosa em Carta aos Loucos, temos a figura de Novalis, o “pastor de versos”<sup>50</sup>, o homem que liga a palavra como experiência poética ao imaginário religioso da atividade pastoral. Ele é a figura prática que vivencia a experiência poética no cotidiano de Assombro: “Novalis e outros cantavam que ouviam e viam a palavra fazer. O miraculoso não é a sua existência solitária. Mas a palavra junto a frutos, atos, objetos, apetências, árvores”<sup>51</sup>. Tanto Novalis como o povo de Assombro são convocados a enxergarem a palavra como potência criadora de sentidos, de possibilidades. Nejar trabalha esse ponto de modo impressionante: “A revolução – me disse – é quando o povo acender as palavras nos poemas. E construir a vida, mão a mão”<sup>52</sup>. A expressão “mão a mão” é o indicativo da individualidade que é a gênese do que se chama povo.

A experiência poética nejariana em Carta aos Loucos é um caminho aberto, um convite ao aprofundamento. Analisando a partir da intertextualidade em Maingueneau e da dialogicidade em Bakhtin, pudemos observar o amplo alcance da obra em sua experiência poética, seu diálogo com as culturas grega e hebraica, incluindo menção a um texto da cultura árabe, Nejar nos brinda em sua polifonia com imbricações robustas entre o sagrado, o poético, o místico, o profético, o apocalíptico e até o lúdico. Os grandes temas da

---

<sup>46</sup> NEJAR, *idem*

<sup>47</sup> NEJAR, 1998, p. 114

<sup>48</sup> NEJAR, 1998, p. 42

<sup>49</sup> NEJAR, 1998, p. 138

<sup>50</sup> NEJAR, 1998, p. 68

<sup>51</sup> NEJAR, 1998, p. 71

<sup>52</sup> NEJAR, 1998, p. 85

poesia também dançam entre si: amor, tempo, silêncio e, essencialmente, palavra. É experiência.

### **3. A loucura poético-profética nejariana**

Uma das grandes qualidades de Carlos Nejar é a construção de seus personagens. Cada personagem nejariano tem múltiplas faces, vozes e interdiscursividades. A antropologia poética nejariana é tratada por outros críticos como um tipo de quixotismo. Segundo Temístocles Linhares e Ernani Reichman, D. Quixote representaria o modelo de personagens cuja personalidade revelaria a alma coletiva humana. Há em Quixote um dos cinco melhores homens criados pelo homem, a mais clara explicação para diversos valores: idealismo, utopia, liberalismo, sonho, imaginação, boa fé, etc<sup>53</sup>. Os personagens nejarianos são como porta de entrada para o universal, porque, antes de qualquer coisa, revela-se e define o homem. Na definição de João Ricardo Moderno, Nejar é “O poeta da condição humana”<sup>54</sup>. São belos e complexos, repletos de dúvidas e aprofundamentos psíquicos geradores de discussões. A psicologia dos personagens nejarianos é um campo vasto para a investigação, sobretudo do discurso religioso, indo desde às psicoterapias (Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Personalidade, Psicopatologia, Psicanálise, dentre outras que dialogam na interface com a Ciência da Religião e a Psicologia)<sup>55</sup>, aos estudos linguísticos e semióticos.

Carta aos Loucos é composto de treze capítulos. Os capítulos 7, 9, 10 e 12 são intitulados respectivamente como livros: Livro do Navio, Livro das Leis, dos juízes e apenados, Livro do Caminho e Livro dos Espelhos. Como observamos nos tópicos 1 e 2, as palavras aparecem por toda a obra em múltiplas acepções e afetamentos. Não é diferente com a palavra loucura. Ao longo de suas 31 aparições, loucura, na obra, tem facetas diferenciadas. A fusão da natureza aventureasca de Israel Rolando e sua busca do tempo, com a problematicidade psicológica da loucura, mostra-nos um exemplo de

---

<sup>53</sup> TERRA, 2020, p. 48.

<sup>54</sup> MODERNO, 2009

<sup>55</sup> PINTO, Ênio Brito. *Ciência da Religião aplicada à psicoterapia*. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 678



romance de provação<sup>56</sup>. Contudo, Nejar é imenso, logo, nossas catalogações de suas obras são feitas sob extremo cuidado.

Na obra, a primeira ocorrência da palavra loucura é uma constatação que só aparece no sexto capítulo: “A loucura é a sensatez do tempo”<sup>57</sup>. Já a ideia de loucura aparece logo no início da obra com o indicativo da insanidade sugerida da mãe de Israel Rolando, Facúndia<sup>58</sup>. A ideia do tempo que leva a vida e a faz definhar era a doença/loucura de Facúndia, e do povo. O tempo era a loucura: “a enfermidade que abalava os cidadãos”<sup>59</sup>. Em sua luta contra a doença/tempo, Israel Rolando declara: “Não o queria empurrando os vivos, nem concordava que engaiolasse os seres, ou injetasse o vírus de sua inoportuna demência”<sup>60</sup>. Nessa esteira de aproximações tempo/morte/loucura, vocábulos como demência e insensatez são vistos como prova da “irracionalidade do tempo” e da loucura da morte <sup>61</sup>.

Outra acepção para o termo loucura em Carta aos Loucos está numa amplitude de significado que expande a ideia de loucura na dimensão do delírio<sup>62</sup>, do assombro e até do espanto<sup>63</sup>. Na epígrafe da obra, Nejar antecipa essa dimensão ao citar Aristóteles: “O assombro é a mãe do desejo de compreender”. A avó de Israel Rolando, encarnando essa percepção, faz uma aclamação: “O maravilhoso não precisa de óculos”<sup>64</sup>. Essa dimensão do assombro, do espanto, do delírio, da maravilha, é uma marca de Nejar.

Moderno expressou essa ideia:

Carlos Nejar santifica ‘a loucura’ artística, tirando-a do revestimento satânico importado por uma razão tirânica. (...) A criação literária é um ato de assombro, consequência do assombro de estar no mundo e procurar reinventá-lo. Deus criou o

---

<sup>56</sup> BAKHTIN, 2011, p. 209

<sup>57</sup> NEJAR, 1998, p. 89

<sup>58</sup> NEJAR, 1998, p. 29

<sup>59</sup> NEJAR, 1998, p. 35

<sup>60</sup> NEJAR, 1998, p. 39

<sup>61</sup> NEJAR, 1998, p. 119

<sup>62</sup> NEJAR, 1998, p. 90, 97, 108

<sup>63</sup> NEJAR, 1998, p. 109

<sup>64</sup> NEJAR, 1998, p. 37

mundo, nós estamos condenados a recriá-lo pela arte<sup>65</sup>.

A loucura profética<sup>66</sup> em Nejar tem uma extraordinária dimensão do sagrado, bebe avidamente dessa fonte. É um sagrado não domesticado, ao mesmo tempo visível nas interações humanas e quase inalcançável como a nuvem (personagem clássico em várias obras de Nejar). Victor Breno Farias Barozzo, identifica esse sagrado selvagem em Nejar:

O Deus vivo de Nejar se manifesta como um sagrado selvagem – para utilizar a expressão do antropólogo francês Roger Bastide –, não domesticado pelos dogmatismos da religião institucionalizada ou refém das formas rituais de adestramento do divino. Em Nejar, a luminosidade do sagrado expressada na experiência do Deus vivo, traduz-se numa manifestação avassaladoramente vívida de um sagrado ordinário, íntimo e feroz<sup>67</sup>

Esse sagrado selvagem pode ser visto por todas as intrincadas conversas e acontecimentos que vão dialogando na trama. Por exemplo, na Carta aos Loucos de Deus, Nejar costura essa loucura como sabedoria de Deus à luz do apóstolo Paulo: “Escrevo aos albatrozes, ou loucos de Deus. O Senhor ‘escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias’ (Paulo)”<sup>68</sup>. Em seu discurso religioso-pentecostal, Nejar profetiza: “E aos loucos dessa ciência mais alta, com a sabedoria que não aniquila e o poder que afasta o mal, prevejo o avivamento”<sup>69</sup>.

A loucura poético-profética em Carta aos Loucos também é perpassada por uma paródia carnavalesca da política e da justiça, em conluio com a mídia (jornal). A figura de Israel Rolando, em sua luta com o tempo, vai se tornando cada vez mais profética ao denunciar os

---

<sup>65</sup> MODERNO, 2009, p. 53

<sup>66</sup> BAKHTIN, 2011, p. 158

<sup>67</sup> BARROZO, Victor Breno Farias. *O Deus vivo de Carlos Nejar*. In: LAGO, Davi; TERRA, Kenner. 2022, p. 19

<sup>68</sup> NEJAR, 1998, p. 141. Citando I Co 1:27

<sup>69</sup> NEJAR, 1998, p. 142

males e as máscaras dos jogos de poder. A carnavalização desses jogos é sintomática.

Olival é cirúrgica:

No terceiro capítulo, o narrador instala um discurso político, parodístico, a dessacralizar, num extraordinário processo de carnavalização, o regime político que governa o país, seu presidente, sua fala, sua moeda visionária. Neste capítulo, a personagem Sândalo Acabe – o astuto – (repare-se no simbolismo do nome próprio) e seu séquito, os Gabirus e os ratos, traduzem, em imagem carnavalizada, o governante “incensado” mas alienado e sua entourage de roedores<sup>70</sup>.

No quarto capítulo, os Gabirus e os ratos invadem Assombro. A veia profética nejariana detecta as falhas do sistema religioso da cidade: “E nem as ratoeiras ou estratégias eclesiais lograram capturá-los<sup>71</sup>. Nejar, então, a partir de uma loucura poético-profética, vai construindo um caminho que passa pelo amor e pela poesia como geradoras de novas possibilidades:

Veio a lume um artigo no jornal *A Ordem*, de um pacifista, Orlando. Observava que não cabia distinguir se os gabirus eram ratos, ou se eram homens. Isso aumentava a pungência, sem resolvê-la. E não tinha outro pacto, o que era resolúvel no amor. Devíamos combater juntos a fome e o que a engendrava. E relembrou a ode do poeta escocês Robert Burns, que se apiedou de um ninho de ratos que destruíra com o arado. Alegando que a poesia tinha o poder de reduzir a impiedade dos homens<sup>72</sup>.

A loucura artística, poético-profética de Nejar, é um ato criador, uma potência ato-discursiva que invade o real para além do imaginário. Quando analisamos *Carta aos Loucos* podemos intuir que essa loucura precisa ser também nossa, uma vez que ela é sabedoria,

---

<sup>70</sup> OLIVAL, 1998, p. 129

<sup>71</sup> NEJAR, 1998, p. 64

<sup>72</sup> NEJAR, 1998, p. 65-66

consciência da vulnerabilidade, experiência de libertação. É santidade, uma profundidade de espiritualidade capaz de aprofundar o diálogo com o mundo e nos fortalecer no enfrentamento da única doença que já matou qualquer um por ela infectado: o tempo.

Moderno coloca nesses termos:

Assombro, ‘a Jerusalém das cinzas’, onde o tempo é doença e morte, onde a razão tem valor relativo, onde a memória só tem valor se for memória imaginante, o único valor absoluto é a imaginação criadora. (...) Nejar abandona por imposição consciente a estrutura ‘normal’ da sintaxe para adotar o ‘delírio’ da parataxe, tão caro a Hölderlin. (...) Nejar reafirma sua coragem artística ao ampliar a sua intimidade com os desvãos da imaginação criadora e nos espaços sadios de uma desrazão poética. Carlos Nejar demonstra artisticamente que a razão em literatura se subordina à imaginação criadora, linha auxiliar como razão imaginante, instrumento da dignidade da palavra criadora. Carta aos Loucos é um monumento ao pão vivo da palavra literária<sup>73</sup>.

Os personagens que lidam diretamente com as dimensões da loucura poético-profética nejariana são desafiadores: Louise, diretora de um Asilo de Loucos é uma figura que Nejar faz metaforizando Joana D’Arc<sup>74</sup>. Na descrição de Louise (outra característica nejariana é a presença de mulheres fortes), Nejar diz: “Culta, poliglota nas cores e sons, foi exercitando um dom de (des)raciocinar, (des)aprender o nexo entre coisas, vocábulos, sentidos”<sup>75</sup>. Louise “engendrou a teoria de que o amor curava a loucura”<sup>76</sup>.

Moderno, em seu discurso de recepção a Carlos Nejar na Academia Brasileira de Filosofia, em 1º de outubro de 2003, disse:

---

<sup>73</sup> MODERNO, 2009, p. 54-55

<sup>74</sup> NEJAR, 1998, p. 190

<sup>75</sup> NEJAR, 1998, p. 189

<sup>76</sup> NEJAR, 1998, p. 191

O artista ao criar uma obra de arte deve fenomenológica e intencionalmente debilitar o discurso raciocinante e, simultaneamente, tornar a razão uma faculdade a serviço da fabulação criadora. A serviço da loucura artística, antídoto das loucuras patológicas e sociais. Assim o provou Carlos Nejar em toda sua obra artística, principalmente no romance *Carta aos Loucos*<sup>77</sup>.

A loucura poético-profética nejariana é transformadora do mundo, atravessada por um encanto e um delírio que enxergam o sagrado não apenas nos liames do discurso religioso, mas sobretudo, na cultura no texto da vida, na religião como texto da cultura, como encontro e entrega ao belo, ao sagrado como ele se manifestar, à palavra. A loucura, como profética, carnavalizada, ou como poética do viver, é apresentada em Nejar como sabedoria, santidade oculta. Nas palavras de Alves, personagem que é professor de um curso de português por ele fundado: “Quando lhe perguntavam: ‘Como está?’ Mesmo na pobreza, respondia contente: ‘Estou louco de bem’”<sup>78</sup>. Ou como no ato de Anildo, mulato que se vestia com parcimônia, e, em certas ocasiões ficava louco e dizia: “Vou passar um período no hospício”. E lá hibernava<sup>79</sup>. Nejar, terminando o relato magnífico da loucura de Anildo, diz: “Os doidos o consideravam um dos seus”<sup>80</sup>.

### Considerações finais

Antônio Carlos Villaça, dizia que “Carlos Nejar é um poeta dramático da vertente de Claudel. Sabe ser ao mesmo tempo lírico e dramático. Regional e universal. Telúrico e cósmico”<sup>81</sup>. Sua *Carta aos Loucos* comprova essa verdade. As palavras dão o tom e o ritmo, brindam sentidos e subvertem significados. Nejar rompe os claustros de gênero e amplia a ideia de sagrado. Fala a partir de sua fé sem catequizar, sem impor dogmatismos. É poesia, literatura, religião.

---

<sup>77</sup> MODERNO, 2009, p. 105

<sup>78</sup> NEJAR, 1998, p. 110

<sup>79</sup> NEJAR, 1998, p. 103

<sup>80</sup> NEJAR, *idem*

<sup>81</sup> VILLAÇA, Antônio Carlos. *O poeta e o povo*. In: MODERNO, 2009, p. 71

Ainda somos autores e destinatários loucos dessas cartas que o poeta, ainda mais louco, ousa seguir enviando.

As palavras apareceram em diversas dimensões na obra nejariana, especialmente em Carta aos Loucos, pois como vimos no primeiro tópico, elas aparecem como vocábulo e como ideia, sentido e significado. É a palavra como verbete e como evocação do sagrado. É identificação de coisas e o levantar do véu das outras coisas. As palavras surgem como potência criadora de sentido, com sua polifonia e dialogicidade (Bakhtin) e, também, como convite ao rompimento de fronteiras, com sua interdiscursividade e intertextualidade (Maingueneau). As cartas ainda têm lugar na realidade excessivamente virtualizada do mundo contemporâneo?

Para além das palavras, caminhamos no sentido da experiência poética nejariana e suas dimensões: tanto o profético como o silêncio, imbricados pela arte de evocar profundidades e releituras, Nejar busca na oralidade grega, na profética judaica e na mística, essa davar, essa palavra que permite a experiência para além da superfície. Viajando pelas culturas e pelos grandes nomes do profetismo judaico, Nejar clarifica a palavra como verbete e como locus de sentido. Do encontro da poesia com o romance, das muitas personagens e suas facetas, da mnemônica e suas possibilidades narrativas, temos o surgimento de outras significações. Ler Nejar é sempre um exercício de amplitude, uma experiência.

Carta aos Loucos é uma obra desafiadora e complexa. No terceiro tópico, tivemos um encontro com a loucura poético-profética nejariana, um espaço de leituras que exploram a interioridade humana e as implicações da psicologia dos personagens. Homens e mulheres, novos e velhos, os habitantes de Assombro são atores no palco da loucura poético-profética. A carta – e as cartas – são palavras de sabedoria e santidade que dialogam entre si, que provocam e desestabilizam as estruturas de poder e de racionalização. Na linguagem nejariana: “A loucura é não se espantar com os acontecidos”<sup>82</sup>. A loucura que aparece como demência quase é inofensiva, já a loucura como dimensão de assombro, espanto ou delírio é avassaladora, presença de que não se escapa. Nejar é o louco escrevendo loucuras santas aos loucos de todas as eras.

O ato de analisar Carta aos Loucos só é possível por causa da própria imposição da obra: a palavra e as palavras aparecem tanto que nos guiam pela mão. A poética nejariana vai muito além das técnicas

---

<sup>82</sup> NEJAR, 1998, p. 146

e mecanismos da linguagem, é um explodir de encanto, um pathos regenerador, libertador. Nejar consegue colocar tudo isso em uma palavra, numa linha ou numa coletânea soberba, contudo, escreve uma carta, Carta aos Loucos, monumento ao sagrado, ao santo e à Palavra.

### Referências

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.

—————. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2011.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1998.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.

:COELHO, Nelly Novaes. Carlos Nejar e a Geração 60. São Paulo Saraiva, 1971

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2022.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

LAGO, Davi; TERRA, Kenner (Orgs.) *Carlos Nejar e o sagrado: aspectos literários espirituais e proféticos*. São Paulo: Editora Recriar, 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MODERNO, João Ricardo (Org.). *Carlos Nejar: poeta da condição humana*. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia para quê? A função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

NEJAR, Carlos. *Carta aos Loucos*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus, 2013.

TERRA, Kenner R. C. “Nuvens são pássaros...” Jesus na obra “A arca da Aliança” de Carlos Nejar. *Teoliterária*, vol. 10, n. 20 (2020): 38-69.